

Contribuições de Luiz Carlos Saroldi Zahar à educação e ao rádio brasileiro¹

Pedro Serico Vaz Filho²

Universidade Anhembi Morumbi

Resumo: Este artigo apresenta referências da obra do professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista Luiz Carlos Saroldi Zahar, que teve importante atuação nas funções que exerceu, sobretudo nas rádios Jornal do Brasil, Rádio Nacional e Rádio MEC. Nascido no Rio de Janeiro, faleceu aos 79 anos de idade no ano de 2010, deixou uma importante obra e muitas referências sobre a cultura popular e radiodifusão do Brasil.

Palavras-chave: Luiz Carlos Saroldi Zahar; Rádio Jornal do Brasil; Rádio MEC; Rádio Nacional; Rádio Nacional, o Brasil em sintonia

Este artigo resgata referências da personalidade do professor, escritor, dramaturgo, poeta, radialista e mestre em comunicação, Luiz Carlos Saroldi Zahar. Entre os importantes trabalhos que realizou para a valorização do rádio brasileiro ele atuou no grupo de pesquisa “Rádio e Mídia Sonora”, da **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Intercom. Nascido na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de São Cristóvão, no dia 15 de setembro de 1931, morreu, aos 79 anos de idade, na capital fluminense, no dia 16 de novembro de 2010, vítima de

¹ Trabalho apresentado ao GP Rádio e Mídia Sonora no 40º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, intitulado “Contribuições de Luiz Carlos Saroldi Zahar à educação e ao rádio brasileiro”.

² Pedro Serico Vaz Filho é doutor, pela Universidade Metodista de São Paulo, mestre e especialista em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero. Foi professor na Faculdade Cásper Líbero (1998/2016); na Universidade São Marcos (1998/2009); na Universidade Santana (2000); professor conferencista na ECA/USP (2004). É professor na Universidade Anhembi Morumbi, jornalista pela FIAM, Faculdades Integradas Alcântara Machado. Exerceu a função de coordenador da rádio universitária da Faculdade Cásper Líbero (1999/2009), gerente da rádio Gazeta AM de São Paulo e respectivo site (www.gazetaam.com) (2009/2016). Foi consultor para a implantação da Web rádio do Centro Universitário Belas Artes (2012/2013). Das disciplinas ministradas: “História do Rádio e da Televisão”; “Produção em Rádio e TV”; “Produção Publicitária em Rádio”; “Radiojornalismo”; “Rádios e TVs Educativas e Comunitárias”, “Teoria da Comunicação” e “Orientação de Projetos experimentais”. Das atuações em rádio, televisão e jornalismo impresso: repórter, redator, produtor e coordenador. Realizou publicações para congressos e outros meios, desenvolveu oficinas e workshops sobre rádios e ministrou palestras correlatas ao tema. Integrante dos grupos de pesquisa “Cultura do Ouvir”, na Faculdade Cásper Líbero; “Altejour, Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo”, da ECA/USP e do grupo “Rádio e Mídia Sonora”, da Intercom - **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**; Recebeu inúmeras premiações. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2146332816517256>, E-mail: pedrovaz@uol.com.br.

pneumonia, após se submeter a uma cirurgia contra um câncer. A presente publicação pretende iniciar uma sequência de outros registros sobre a atuação de pesquisadores e pesquisadoras do mencionado grupo, para as futuras edições no referido congresso, sobretudo de integrantes que faleceram para a manutenção da memória e respectivas obras.

A resolução de reverenciar Luiz Carlos Saroldi Zahar, nesta edição, tem entre outros aspectos o caráter de homenageá-lo e de manter viva a memória dele na celebração dos quarenta anos do Congresso Intercom. Assim também lembrando os sete anos da morte dele, neste ano que ainda marca os noventa e cinco anos da célebre apresentação experimental radiofônica ocorrida no dia 07 de setembro de 1922, em comemoração, na época, do centenário da Independência do Brasil³. No ano de 2002, quando celebravam-se os oitenta anos desse evento, Saroldi foi contatado por este autor para conceder depoimentos referente aquele fato. A entrevista exclusiva ocorreu no dia 17 de julho de 2002. A produção foi pensada para dois formatos, áudio e audiovisual. Somente alguns trechos dos depoimentos foram utilizados naquela ocasião em artigos e eventos⁴. O restante do material coletado foi mantido em arquivo. No caso, contanto também com a autorização de veiculação de imagem por ele assinada. Assim, a maior parte das informações contidas neste texto foram fornecidas pelo próprio Saroldi.

Inicialmente, a mencionada entrevista com Saroldi abordaria os rumos do rádio brasileiro, mas a pauta estendeu-se para outros temas acerca do assunto. Todos apresentados de forma didática e assertiva por ele que impressionava pela fluência e profundo conhecimento do que dizia. O encontro ocorreu num propício cenário: no amplo estúdio sinfônico da Rádio MEC⁵, no Rio de Janeiro (seguem

³ Evento realizado no Rio de Janeiro para a comemoração do centenário da Independência do Brasil, em 07 de setembro de 1922, entre outras atrações uma exibição experimental de rádio através de uma estação radiofônica montada no alto do morro do Corcovado, na então capital do país.

⁴ Evento organizado e promovido por Pedro Serico Vaz Filho, na Faculdade Cásper Líbero, no dia 19 de setembro de 2002, com palestras, exposição de aparelhos de rádios antigos e exibição de um audiovisual também com produção de Pedro Vaz, para a celebração dos oitenta anos da exibição experimental de rádio na exposição para o centenário da independência, no dia 07 de setembro de 1922.

⁵Rádio MEC (antes Ministério da Educação, atualmente Música, Educação e Cultura) é uma emissora sediada na cidade do Rio de Janeiro, especializada em música clássica, jazz, choro, samba, bossa nova e músicas regionais no geral. Tem duas frequências no Rio: FM 99.3 MHz e AM 800 kHz e uma em Brasília: AM 800 kHz. Foi doada ao Governo Brasileiro, em 1936 por Roquette-Pinto, fundador da emissora em 1923 com o nome de Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, pois era captada inicialmente (até 1927) através de assinaturas, formando então uma "sociedade"; em 1936, já de posse do Governo Federal e com sinal livre e aberto, passou a chamar-se Rádio Ministério da Educação e Cultura. Em sua sede há o maior estúdio da América Latina, o estúdio Sinfônico Maestro Alceo Bocchino. Sua programação inclui seleções musicais, programas de música ao vivo, jornalísticos e de variedades. Desde 1999 tem uma gravadora, o Selo Rádio MEC. A partir de 2008, as 3 emissoras fazem parte do sistema Rádios EBC (braço da EBC que ainda inclui as Rádios Nacional do Rio de Janeiro, Brasília (AM e FM) e Amazônia). Fonte:

ao final deste texto fotos da referida ocasião). Sem revelar problemas de saúde, Saroldi mostrava-se bem disposto. Educado, elegante e risonho, aquele homem de alta estatura, peso proporcional e voz de admirável sonoridade, prendia a atenção a cada palavra, com fluência, naturalidade e extrema simpatia. Pronunciava também expressões bem-humoradas. Sobre a paixão pelo rádio destacou:

eu nasci na década de trinta e perto do meu berço deve ter tido um aparelho de rádio do tipo capelinha, com certeza funcionando, sempre ligado, e que trazia tudo, como por exemplo, os cantores da época: Francisco Alves, Carmen Miranda, radioteatro e notícias também.

O carioca Luiz Carlos Saroldi Zahar nasceu no dia 15 de setembro 1931, quase um mês antes da inauguração da estátua do Cristo Redentor, em 12 de outubro daquele ano, no morro do Corcovado, na cidade do Rio de Janeiro, onde nove anos antes fora instalada uma estação radiofônica para a já mencionada apresentação experimental em festividade no dia 07 de setembro de 1922. Aquele ano de 1931 marca também a criação do departamento de correios e telégrafos no Brasil, em decreto assinado pelo então presidente da República Getúlio Vargas. É ainda o ano do nascimento de outros grandes nomes que pertenceram ao rádio brasileiro e de outras áreas da nossa cultura: cantor Cauby Peixoto, ator/compositor/humorista Chico Anysio, cantora Adelaide Chiozzo, compositor João Gilberto, músico Luiz Chaves, escritor e jornalista Zuenir Ventura.

Saroldi cresceu exatamente na década de expansão do rádio brasileiro. Sendo que no ano de 1932, o presidente Getúlio Vargas assina o Decreto 21.111, que regulamenta a publicidade no rádio brasileiro. Dessa forma, a programação radiofônica que embalava o então menino Saroldi, ao lado do berço dele, vai sofrer consideráveis modificações.

o que era erudito, educativo, cultural passa a transformar-se em popular, voltado ao lazer e à diversão. O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os reclames não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que foram surgindo e passaram a dominar a programação (ORTRIWANO, p. 15, 1985).

Embalado pelo rádio, como ele mesmo contou, Saroldi cresceu na década de trinta respirando a atmosfera da evolução desse meio de comunicação no Brasil, sendo contemporâneo de fatos políticos, ocorridos a partir de então e vivenciando de forma privilegiada tais ocorrências no cenário nacional. Situação que alimentou consideravelmente os conhecimentos que ele adquiriu ao longo dos anos, tendo sido favorecido ainda pela intelectualidade, que em Saroldi manifesta os primeiros sinais quando ele ainda era criança. Menino, revelava-se curioso e bastante observador, tornando-se também um assíduo ouvinte de rádio e frequentador de cinemas. Quando a Rádio Nacional, uma das mais emblemáticas emissoras do país foi inaugurada no Rio de Janeiro, no dia 12 de setembro de 1936, Saroldi completaria cinco anos de idade três dias depois. O pequeno ouvinte de rádio naquele tempo não imaginaria que um dia trabalharia naquela que passou a ser a maior estação radiofônica do Brasil, entre as maiores do mundo, e que anos depois seria autor de uma obra sobre a história da rádio, que no ano de 2016 completara oitenta anos de existência.

Em meados da década de 1950 (Saroldi), tem sua primeira experiência como locutor, na Rádio Jornal do Brasil. Convidado a trabalhar na antiga Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ), como professor de teatro, chegou a montar um espetáculo de poesia que se chamou “*Ciranda*”. Em 1967, ganha o prêmio do SNT, Serviço Nacional de Teatro, com “*Suave é a bomba*”, espetáculo com esquetes focalizando as dificuldades de viver sob o regime militar. Trabalhou, ainda, na TV Rio. A partir de 1973, na Rádio Jornal do Brasil passa a produzir e apresentar os programas “*Noturno*” e “*Especial*”, até meados da década de 1980. Depois vieram “*Música também é notícia*”, “*Primeiro plano*”, “*As dez mais da sua vida*” e “*Arte Final Variedades*”, que estreou em 1986. Decide deixar a Rádio JB após um processo de reestruturação. Ganha bolsa da Fundação Vitae para pesquisar sobre o maxixe e vai trabalhar na Rádio MEC, onde continua a produzir e apresentar o programa “*As dez mais da sua vida*”, cuja última edição foi ao ar em 1998. Em 1984, tem publicado um livro sobre a história da Rádio Nacional (reeditado em 1988). Em 1993, assume a chefia de programação da Rádio Nacional. Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação da UFRJ, onde foi professor, manteve seu interesse pela dramaturgia e pelas pesquisas sobre rádio. (<http://www.mis.rj.gov.br/acervo/colecao-luis-carlos-saroldi/>).⁶

Como professor, Saroldi levou a paixão pelo rádio para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, no curso de Teatro: “comecei a mostrar para estudantes gravações e programas para utilizarem a imaginação, como narrativas sonoras e radioteatro. Assim entenderam a diferença do texto de rádio para o impresso abrindo caminho para uma redação excelente” lembrou. Num comentário sobre a televisão ele afirmou que:

⁶ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

A televisão dominou de tal maneira o visual, que hoje nós vivemos numa floresta de estímulos visuais. E com isso o nosso ouvido foi sendo agredido por ruídos desagradáveis. Então perdeu-se um pouco a sensibilidade sonora, que eu tenho a impressão que o próprio rádio também perdeu. Até os anúncios de antigamente eram criativos e hoje em dia não se tem isso nas emissoras de rádio. Tenho a impressão que nós temos de realizar um trabalho de recuperação do ouvido e da fala e o rádio é o veículo da fala e da audição.⁷

O teatro conquistou a atenção de Saroldi através da “mãe dele, que era atendente num posto de saúde da Prefeitura e costumava ganhar ingressos de artistas, já que na época era exigido o alvará de saúde para quem trabalhava em teatro”, informa o Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira (<http://dicionariompb.com.br/luiz-carlos-saroldi/biografia>). “De repente comecei a fazer teatro e viajar pelo Brasil, mas um dia me dei conta de que o teatro não me sustentava e que eu precisava de outra coisa, e nessa outra coisa apareceu o rádio”, declarou e reiterou: “eu cheguei à conclusão que não queria fazer outra coisa, que queria fazer rádio e recomecei a pensar o rádio, (...) e me adaptei”, completou.

A minha ligação com a rádio MEC é curiosa porque o único curso de rádio que eu fiz na vida foi feito aqui dentro (da rádio MEC) no estúdio sinfônico da rádio MEC, a partir da ideia do diretor da emissora de então, o professor Fernando Tude de Souza. Então o estúdio ficava lotado para ouvir os maiores locutores da época como César Ladeira⁸ e outras pessoas como o professor José Oiticica⁹. E este curso me deu base, e essa vivência me deu a possibilidade de fazer um rádio cultural, também na rádio Jornal do Brasil, com músicas de boa qualidade, como música erudita. Eu cheguei a implantar lá uma editoria cultural, ao lado do jornalismo. Depois passei pela rádio Nacional também.¹⁰

Sim, além da vivência na chamada “era de ouro do rádio brasileiro”, foram também importantes os nomes que influenciaram na vida profissional e pessoal de Saroldi. Personalidades que ele ouvia falar e posteriormente pode ter contato presencial. Certamente fatores que contribuíram para que ele se expressasse tão bem, mesmo de forma calma e jeito simples. O timbre de voz era de natural empostação, tinha boa articulação, mas não revelava vaidade profissional.

Saroldi começa a fazer teatro durante os tempos de estudante de filosofia e chega mesmo a pensar que seu destino profissional estaria nos palcos. No entanto, a companhia teatral da qual fazia parte se vê em grandes prejuízos e ele retoma os estudos de filosofia na Universidade do Distrito Federal, visando a

⁷ Idem.

⁸ César Rocha Brito Ladeira (1910-1969), tornou-se um dos mais respeitados radialistas do Brasil, conhecido como César Ladeira.

⁹ José Oiticica (1881-1957), nome completo era José Rodrigues Leite e Oiticica. Foi professor, dramaturgo, poeta parnasiano e filólogo, nascido na cidade de Oliveira, em Minas Gerais.

¹⁰ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

trabalhar com jornalismo. Na Universidade, encena diversos espetáculos teatrais e se inicia na direção (...). Chega a lecionar filosofia, mas o trabalho como professor o aborrece e ele viaja a Porto Alegre (RS) onde começa a dirigir teatro regularmente. Paralelamente, edita, no Rio de Janeiro, a revista da Ação Social Diocesana. Em 1959, a rádio Jornal do Brasil passava por uma reformulação em sua programação. Saroldi foi convidado a ser redator de um programa sobre música erudita que deveria transmitir ao ouvinte a impressão de que era feito ao vivo, como se fosse um concerto. Acumulou também as funções de programador musical e de assistente de direção da rádio. Trabalhava o dia inteiro na rádio e deixou o teatro de lado durante algum tempo, com exceção do período em que foi a Porto Alegre dirigir "Orfeu da Conceição", de Vinicius de Moraes.¹¹

Ele lembrou também que: “sem ter intenção de ir para o microfone eu fui e passei a fazer entrevistas, apresentar programas e acabei coordenador da rádio”, informou o profissional que tornou-se um reconhecido e requisitado radialista.

Em novembro de 1975 (na rádio Jornal do Brasil), durante o programa com o compositor Cartola, Saroldi teve a felicidade de propiciar aos ouvintes, em primeira mão, a audição de "As rosas não falam" e de "O mundo é moinho", duas obras-primas que só seriam gravadas pelo compositor no ano seguinte. Um dos programas que mais entusiasmaram o radialista foi o da entrevista com Waldir Azevedo, que já morava em Brasília, mas se encontrava no Rio para uma temporada de shows (...). O programa com Hermeto Pascoal, que tocou acompanhado do flautista Mauro Senise foi também um dos que causou maior impacto junto aos ouvintes (...). Um dos programas, no entanto, não alcançou o objetivo esperado. Justamente o que tinha como entrevistado o radialista Adhemar Casé, uma legenda na história do rádio no Brasil. Como ele e Saroldi já haviam conversado bastante sobre sua vida e carreira antes do programa ser gravado, ao ir para o estúdio, Casé pouco ou nada conseguia falar sobre sua vida. Isso fez com que Saroldi se desse conta que o caminho para o sucesso do "Especial" (nome do programa) estava mesmo em surpreender o artista no instante em que a gravação ia acontecendo, deixando a conversa fluir.¹²

A publicação sobre a Rádio Nacional, que Saroldi lançou tendo a primeira edição em 1984, teve parceria com a professora doutora Sonia Virgínia Moreira¹³.

Houve um período em que eu tinha reunido tantas entrevistas sobre a Rádio Nacional que eu resolvi escrever um livro. Por sorte minha uma colega da rádio Jornal do Brasil, tinha voltado dos Estados Unidos, onde fez mestrado, se interessou em formar a parceria comigo, porque havia um concurso da Funarte, a Fundação Nacional de Artes, para uma monografia sobre a Rádio Nacional e a música popular brasileira. Realizamos o trabalho e ganhamos o concurso, com o livro: O Brasil em sintonia, rádio Nacional¹⁴.

¹¹ Fonte: <http://dicionariompb.com.br/luiz-carlos-saroldi/dados-artisticos>. Consultada em 01/07/2017

¹² Idem.

¹³ Sonia Virginia Moreira, professora da UERJ, jornalista, doutora em ciências da comunicação pela ECA-USP atou como presidente da Intercom, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Co-autora com Luiz Carlos Saroldi Zahar do livro Rádio Nacional – o Brasil em Sintonia. Publicou várias outras obras.

¹⁴ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

O livro “Rádio Nacional, o Brasil em sintonia”, assinado por Saroldi e Sonia Virgínia Moreira, chegou à terceira edição, merecendo reconhecimento e ampla divulgação, além da premiação da Funarte, Fundação Nacional das Artes. A obra consta como referência em ementas de cursos de história e de comunicação, assim também em diversas pesquisas históricas de níveis de graduação e pós-graduação. Sobre a citada publicação, o jornal Folha de S. Paulo, na edição de 03 de janeiro de 2006, no caderno “Ilustrada”, publica um artigo especial assinado por Gilberto Felisberto Vasconcellos, sob o título “Emissora foi momento jubiloso da cultura brasileira”:

(...) Embora não se aprofunde na análise sociológica, o livro "Rádio Nacional - O Brasil em Sintonia" mostra que a Rádio Nacional foi um momento jubiloso da cultura brasileira, sendo que com a transmissão radiofônica vai se configurando entre nós a indústria ideológica submetida aos interesses dos grandes grupos econômicos. A expressão "indústria ideológica" é mais apropriada do que indústria cultural porque o objetivo da comunicação de massa é divulgar ideologia, e não produzir cultura. Os autores desse livro, Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virginia Moreira, têm o mérito de não elidir o fato de que a consolidação da Rádio Nacional ocorreu durante o Estado Novo de 1937 a 1945, ou seja, na fase da chamada ditadura de Getúlio Vargas. Nada mais significativo do que foi a Rádio Nacional à altura de 1942 do que o alto nível dos intelectuais que dela faziam parte, como Cassiano Ricardo, Roquette-Pinto, Gilberto Amado, Manuel Bandeira, Venâncio Filho e Andrade Muricy. Acrescente-se, além de Almirante e Lamartine Babo, o trabalho de um músico brilhante como Radamés Gnattali, tocando piano, arranjando, recriando Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga e Zequinha de Abreu. (...) O sucesso da Rádio Nacional deixava o cacique Assis Chateaubriand morrendo de ciúmes. Conta Mário Lago numa conversa do jornalista com Juscelino: "Se Vossa Excelência der o canal de televisão à Nacional, jogo toda minha rede de rádio, imprensa e televisão contra seu governo". O que sobressai na Rádio Nacional é a seguinte ambivalência: trata-se de um produto de massa com elevado nível cultural. E mais: o período da americanização do país na cultura coexiste a uma programação nacionalista.¹⁵

A mencionada obra de fato não está delimitada aos acontecimentos internos da Rádio Nacional, mas a contextos políticos que antecedem o surgimento da emissora. O livro traz referências inclusive sobre a construção do edifício A Noite¹⁶, que serviu como sede para a Rádio Nacional.

A compra do terreno e a construção do edifício implicaram, no entanto, complicadas operações de crédito envolvendo companhias estrangeiras aqui

¹⁵ Folha de São Paulo, 03 de janeiro de 2007. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0301200613.htm>. Consultado em 01/07/2017.

¹⁶ Na Praça Mauá, número 7, na cidade do Rio de Janeiro, foi erguido o edifício Joseph Gire (1872 - 1933) - nome de um dos arquitetos do projeto da construção do prédio, que passou a ser conhecido como edifício “A Noite”, na região central e portuária do Rio de Janeiro. Tornou-se na época o maior arranha-céu da América Latina, finalizado em 1929 e inaugurado em 1934. Foi sede da Rádio Nacional durante 76 anos, de 1936 a 2012.

radicadas – até com prestações a serem pagas em dólares e gravadas com hipotecas dos bens de *A Noite*. Isso levou a empresa a ser absorvida pela Companhia de Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, mais conhecida como Brazil Railway Company, com sede num sobrado de toque mourisco no número 2 da avenida Rio Branco, quase vizinho ao edifício *A Noite* (...). A Sociedade Rádio Nacional que nascia ali era resultado da venda Rádio Philips, que havia desistido de ter uma emissora para incentivar a venda dos aparelhos receptores de fabricação própria. Em 1930, a instalação da Rádio Philips havia fechado o ciclo das emissoras pioneiras do Distrito Federal. (SAROLDI e MOREIRA, p. 33, 2006).

No depoimento sobre a Rádio Nacional, o entrevistado destacou:

que para muita gente ela representa o que a rede Globo é, mas eu acho que é um pouco diferente. Porque a Nacional realmente influenciou a música brasileira, a imaginação do brasileiro de uma forma que eu não sei se a televisão conseguiu se igualar.¹⁷

Esses fatores, informou Saroldi, o obrigaram a estudar mais o rádio com a finalidade de ampliar conhecimentos e oferecer para publicações a significativa dimensão em torno desse meio, com todas as angulações possíveis, das comunicações, da cultura e da política. A confirmação dessa abordagem de Saroldi está exemplificada na obra que ele escreveu em parceria com a professora Sonia Virgínia Moreira.

Um ponto a favor dos representantes da revolução de 1930 foi perceber que a filosofia do rádio educativo não era compatível com os objetivos de uma emissora popular, que visasse a integração nacional. Formados em sua maioria à sombra dos princípios positivistas, Getúlio Vargas, Roquette-Pinto e vários de seus contemporâneos acreditavam na missão humanística de preparar as massas para a ascensão social por via pacífica. O rádio tinha condições de ser o instrumento adequado para chegar a todos os pontos do país e às mais vinte e uma horas. (SAROLDI, MOREIRA, p. 49, 2006).

Sem se tornar repetitivo, mas didático, Saroldi enfatizava a importância da busca histórica da política que contextualizou a Rádio Nacional.

Essa história vem do governo Vargas, do Estado Novo, que precisava de uma rádio para integrar o Brasil. Como Roquette-Pinto¹⁸, já havia chegado antes, entendendo que o rádio era um veículo ideal para um país tão grande com a diversidade de culturas que aqui se tem. Desde o índio vivendo na idade da pedra. Então Roquette-Pinto vendo isso achou que o rádio era o veículo ideal para integrar e educar o Brasil. E ao lado disso também a rádio comercial que se desenvolveu na Rádio Nacional muito bem, mas que também fazia cultura (...) e traziam uma carga de informação muito grande. Como o apresentador

¹⁷ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

¹⁸ Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo, ensaísta brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras, sendo idealizador da rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada no dia 20 de abril de 1923.

Almirante¹⁹ que levantava tudo sobre o Brasil, como minúcias a até histórias de fantasmas.²⁰

Dos comentários sobre o início do rádio, Saroldi ressaltou a genialidade de inúmeros nomes que atuaram neste meio de comunicação e também criaram possibilidades para o ingresso do rádio no Brasil como no caso do professor Edgar Roquette-Pinto.

Eu tenho a impressão que os homens daquela época do Roquette-Pinto tinham alguma coisa a mais do que os homens de hoje, pelo menos dos intelectuais e principalmente dos governantes. Porque o Roquette-Pinto não era um homem de comunicação. Ele não era nem jornalista profissional, nem muito menos comunicador de algum tipo de coisa. Ele era professor, era médico, antropólogo e viajou com o Marechal Rondon, então general, entrando em contato com os indígenas brasileiros do Planalto Central e voltou carregado de gravações, fotos e até de filmes sobre os indígenas. Fez medições de crânios, estaturas etc e trouxe até gravações em rolo das canções dos indígenas. Isso em 1912, indo para lugares distantes e selvas, onde nenhum homem branco tinha passado. O maestro Heitor Villa Lobos depois ouvindo isso adaptou uma delas. E Rondon levantando postes telegráficos, sofrendo ataques, mas jamais atacando ou reagindo. Ele preferia ser morto do que matar índio. Era a filosofia dele. E Roquette admirou isso profundamente. Quanto ele volta para o Rio de Janeiro e ouve falar do rádio, dez anos depois de retornar, e sobre a existência do rádio na Europa, que já estava sendo implantado, e ainda observa a apresentação de 07 de setembro de 1922, na exposição do centenário da Independência do Brasil, ele tem uma ideia. Conclui que o rádio é o instrumento que o Brasil precisa para educar toda aquela população já considerada imensa. E resolve criar uma rádio e faz uma proposta aos amigos da Academia de Ciências, de onde ele era secretário geral e sugere a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que aconteceu em 20 de abril de 1923, sete meses depois da transmissão do dia 07 de setembro. E ele propunha o slogan que o rádio fosse a escola dos que não tem escola. Era um saque genial para a época. Não precisava ter a sede para ter a escola. Podia se chegar pelo ar e debaixo de uma mangueira, de uma jaqueira ter aulas. E ele tenta fazer isso, mas sem recursos suficientes, nem sede própria, nem transmissor. E convida pessoas para das palestras sobre diversos assuntos, leituras de poemas e etc, mas sempre preocupado com a qualidade.²¹

O respeito de Saroldi pelo público de rádio o tornava um profissional exigente a cada programa que realizava, assim também por tornar a história radiofônica brasileira conhecida. Pelo contato com a obra dele, e com ele próprio, era notável a visão que Saroldi possuía sobre o rádio pensando este meio como fonte educadora. Tinha neste sentido forma semelhante às vistas por Roquette-Pinto. Aliás, a ligação entre eles era curiosa. Saroldi chegou a trabalhar na rádio MEC, oriunda da rádio Sociedade do Rio de

¹⁹ Almirante (1908-1980), era o nome artístico do cantor, compositor, pesquisador e radialista, Henrique Foréis Domingues, um dos mais respeitados radialistas do Brasil.

²⁰ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

²¹ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

Janeiro, idealizada por Roquette-Pinto. E foi atuando na rádio MEC, que Saroldi participou ativamente da SOARMEC, Sociedade e Amigos da Rádio MEC e do jornal dessa instituição intitulado “Amigo Ouvinte”, que segundo depoimento dele a publicação surgiu para “mostrar a importância do rádio, a necessidade da audição ser aberta, porque também abre a cabeça, no sentido da imaginação, através do rádio educativo e do rádio cultural, enfim pelas possibilidades que o rádio traz”, afirmou. A mencionada publicação tornou-se uma importante fonte de pesquisa sobre a história do rádio brasileiro. Na edição número 32 - Ano X, janeiro de 2002, do jornal “Amigo Ouvinte”, o informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, no Rio de Janeiro, Saroldi escreve uma “carta aberta a Roquette-Pinto”. Nela um resumo de acontecimentos importantes da emissora (reprodução da carta na íntegra na página 13 desse artigo).

Da relação rádio e meio impresso, sobretudo o jornal, Saroldi destaca que no início do rádio, houve um pensamento temeroso e de competição dos empresários dos meios impressos diários, mas que rapidamente modifica-se e rádio e jornal passam a conviver em intensa parceria:

Quando o rádio começou principalmente nos Estados Unidos e na Europa, esses empresários achavam que o meio, sendo tão instantâneo, dava a notícia antes do jornal sair. Eles acreditavam que o noticiário radiofônico poderia prejudicar os negócios deles e com o passar do tempo, começaram a bloqueá-lo, mas depois passaram a entender que o rádio tinha vindo para ficar e que eles não poderiam mais virar as costas para esse veículo de comunicação e que o interesse popular por ele era tanto que começou a ocupar as páginas dos jornais e revistas. Assim, empresários da imprensa escrita passaram a pensar que poderiam ter suas próprias emissoras. Criaram-se dessa forma redes de jornal e de rádio.²²

São inúmeros e importantes os estudos oferecidos por pesquisadores e pesquisadoras que dedicam e já dedicaram tempo de trabalho realizando documentações sobre a trajetória radiofônica brasileira, e de outros países também. Disponibilizam assim preciosidades para novos estudos acerca do tema e dessa forma também descortinaram contextos políticos. Contribuem para entendimentos de fatos do presente e incentivam o surgimento de novas autorias. Fato óbvio em estudos de demais temas, mas delimitando sobre a vida do rádio no Brasil, este carrega, fases e transformações que se sucederam, principalmente a partir dos anos de 1930, unindo em torno dele um país de dimensões continentais, com graves problemas de desigualdade social, analfabetismo e regimes

²² Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

políticos que geraram censura, intensas e sofridas lutas contra ditadura. Mas o nosso rádio, promove um desenvolvimento, que do amadorismo produziu gêneros e formatos artístico, jornalísticos e publicitários, construindo verdadeiras escolas nestas áreas. Estas, nos primórdios atraíram audiências além das fronteiras brasileiras e profissionais que chegaram ao estrelato em períodos que a vida rural brasileira sobrepunha a urbanidade e o êxodo do interior para os grandes centros, como as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro era significativo e descontrolado.

Das inúmeras menções sobre a dimensão do rádio, o estudioso Saroldi merece ser estudado, muito além do presente artigo, pois nos deixou muitas lições e mais a importante afirmação que segue, expressada por ele de forma risonha e com brilho nos olhos:

O rádio não vai acabar mesmo! e não sou eu quem diz isso. Para um revista da UNESCO, de 1997, foram chamados os maiores especialistas de vários países para discutir exatamente esta questão, com a pergunta: será que no século XXI ainda vai ter lugar para o rádio? Todos chegaram à conclusão que sim. A explicação deles para mim foi a melhor de todas: vai continuar simplesmente porque o rádio não tem imagem, porque a imagem envelhece. A verdade é esta. Se as pessoas só ouvissem poderiam me imaginar jovem e bonito, mas me vendo, daqui a algum tempo estarei mais velho, e se me vir e comparar vai ser pior. Então isso tudo envelhece, e no rádio não. Só se lida com o som. Enquanto se conseguir transmitir através de palavras, ruídos, música, pausas e silêncio, o que se quiser dizer, você estará com alguém ligado em você. Mas é preciso cuidado, respeitar a gramática e os valores do rádio e não fazer qualquer coisa. O que houve depois da televisão é que o rádio se encolheu e começou a dispensar orquestra, radiadores e produtores. Quem pensava o rádio eram exatamente estas pessoas, com os diretores de programas. Na medida que esse pessoal foi para a televisão, o rádio foi se reduzindo cada vez mais. Então ficou com jornalismo, prestação de serviços e tocar disco. Só isso. E entraram as religiosas, que começou a achar que o rádio era um veículo adequado para o proselitismo, e é também, mas isso abaixou o nível do rádio. Então poucas emissoras se preocupam em formular propostas novas e atraentes. O Paulo Gracindo (ator e radialista) me disse uma vez em entrevista na rádio Jornal do Brasil que estranhava o bichinho grande que é o rádio com mede de um bichinho pequeno, que é a teve. Porque durante o dia inteiro o rádio domina e a televisão só a noite.²³

É nessa teia de cultura e política, de difícil desvendamento, que Luiz Carlos Saroldi Zahar, mergulhou e atuou como um facilitador de entendimentos, auxiliando o nosso conhecimento de fatos passados e presentes também:

O rádio continuará sendo ouvido sim e não é só por causa da internet, que ajuda muito o rádio. É uma troca, que ajuda o rádio a se renovar (referindo-se ao rádio e à internet). Mas é fundamental investir no profissional do rádio, para que eles

²³ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

abram o ouvido também. Se não só ficam com o olho aberto. E não é à toa que desde o início o rádio tem uma população imensa de deficientes visuais. Na Inglaterra o maior prêmio de radioteatro é uma peça anual premiada por cegos. Por isso que se chama o “teatro cego”, ou seja, o teatro feito pelo rádio.²⁴

Saroldi, a exemplo de outros nomes, como Gisela Swetlana Ortriwano, nos brindou com importantes pesquisas com o teor da paixão que o rádio exerce e da boa exploração do imaginário oferecida por este meio. Podemos imaginar a dificuldade que os dois tiveram, e outros mais, em nos oferecer um resgate histórico de épocas em que pesquisavam e não contavam com registros em páginas *on line* e nem com arquivos impressos e sonoros, pelo fato de vários não mais existirem, ou estavam fragmentados. Além da ausência de fontes, que não mais viviam. Mais nomes como estas duas personalidades estudiosas também merecem a nossa lembrança. Que muitas páginas sejam escritas sobre elas, gratificando todas pelo mergulho que realizaram na trajetória da radiodifusão. Sorte a nossa que pelas páginas dessas autorias podemos ter entendimento do nosso presente e planejamento adequado aos projetos futuros. Obrigado Saroldi!

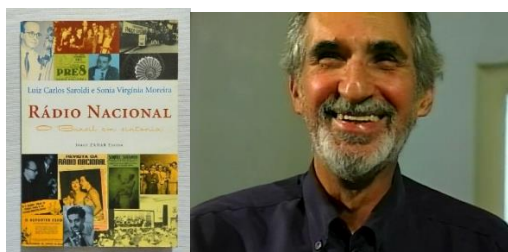


Imagem 01: Reprodução da capa do livro “Rádio Nacional, o Brasil em sintonia, de autoria de Luiz Carlos Saroldi Zahar (foto ao lado esquerdo em 17/07/2002) e Sonia Virgínia Moreira (foto: Pedro Vaz)



Imagem 02: Sonia Virgínia Moreira (foto Pedro Vaz)

²⁴ Trecho da entrevista exclusiva concedida a este autor em 17 de julho de 2002 pelo professor, escritor, poeta, dramaturgo e radialista, Luiz Carlos Saroldi Zahar, no auditório sinfônico da rádio MEC, na cidade do Rio de Janeiro.

Carta aberta a Roquette-Pinto

Caro Mestre, saudações. Não é nada, não é nada, esta Sociedade fundada em defesa de sua obra está completando 10 anos. Parece mentira? Sim, mas não se preocupe: não vamos lançar um suspiro profundo antes de exclamar “parece que foi ontem”. Na verdade, parece ter sido há milênios, Mestre.

Em 1991 não estávamos apenas dez anos mais moços, mas ainda acreditávamos em sonhos, como aqueles que o senhor viveu entrando pelo Planalto Central para estudar os nossos indígenas, ou arregaçando as mangas para mostrar à moçada dos anos vinte que o rádio e o cinema também podiam ensinar.

Feitos que resistiram à sua partida em 1954 para a Terra Sem Males, deixando a herança do rádio educativo nas mãos de seguidores devotados como Fernando Tude de Souza e Murilo Miranda. Pena que 1964 trouxesse a caça às bruxas promovida nos estúdios e corredores da Rádio pelo sr. Eremildo Vianna, malefício até hoje entranhado nas tubulações e encanamentos do velho prédio da Praça da República e que de vez em quando ataca as vias respiratórias da instituição.

Para exorcisar essa carga negativa, uns poucos brasileiros passaram algumas noites de 91 procurando um jeito de mobilizar a sociedade civil para a importância da primeira emissora educativa do Brasil, então administrada pela Fundação Roquette-Pinto, entidade também responsável pela TVE. Nasceu, assim, a Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, apoiada na adesão imediata de cento e poucos sócios-fundadores – em sua maioria ex-funcionários, artistas, intelectuais e ouvintes de fato e de direito.

A SOARMEC partiu imediatamente para várias ações. Uma delas o programa Ao Vivo Entre Amigos, que começou homenageando nomes fundamentais na história do nosso rádio, como Almirante e Paulo Tapajós, seguidos de 55 recitais de artistas consagrados ou a caminho disso, transmitidos diretamente do auditório da Rádio e abertos à participação do público. Produzimos dezessete CDs, dois de instrumental brasileiro inédito e quinze baseados em matrizes do acervo da emissora, que resgataram momentos fundamentais da memória musical brasileira.

Instalamos ainda uma biblioteca especializada em rádio e música, hoje com cerca de 250 volumes.

Logo em seus primeiros meses de existência, a SOARMEC lançou este jornal, hoje no número 32. E, há dois anos, inaugurou o seu site, veiculando entrevistas e informações sobre rádio. Também produziu a versão radiofônica do romance Memorial de Aires, de Machado de Assis, em capítulos, assim como remasterizou as produções da série Teatro de Sérgio Viotti. E ainda se envolveu involuntariamente em outra novela, que graças aos deuses terminou em happy-end: a importação de um piano para o estúdio sinfônico da Rádio.

Tudo isso, Mestre, sem contar com apoios ou patrocínios regulares de qualquer espécie. Para falar com franqueza, até mesmo enfrentando resistências, má-vontade e obstáculos inesperados, difíceis de serem ultrapassados, fruto da incompreensão ou do despreparo de alguns administradores culturais de nossas tribos.

Mas não estamos aqui para desabafar, Mestre. Afinal, os últimos 10 anos foram ricos em lições negativas, em um nível que certamente envergonharia os brasileiros do seu tempo – de que é exemplo o assassinato do índio Galdino de Jesus por quatro jovens incendiários, filhos da classe média de Brasília.

Se algo conquistamos de fato nesses dez anos de existência da SOARMEC foi a certeza de estarmos lutando por uma boa causa, ao fundar a primeira associação de amigos de uma emissora brasileira. Talvez atuando de modo inexperiente, até quixotesco, mas, afinal, à altura de um patrono que por toda a vida investiu contra a ignorância, o comodismo e a hipocrisia nacionais.

Só por isso, Mestre, as batalhas por nós enfrentadas nessa década não terão sido em vão, apesar do sabor amargo de não termos conseguido realizar nem metade do que pretendíamos, e bem menos do que o senhor merecia.

Em nome de seus admiradores, grato,



Luiz Carlos Saroldi

Edição número 32, Ano X, janeiro de 2002, do jornal “Amigo Ouvinte”, informativo da Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC – Rio de Janeiro.

Considerações finais

O resgate da história do rádio no Brasil é trabalhoso, por vários motivos. Entre eles a deficiência de arquivos. Para tanto, contar com informações de contemporâneos da trajetória radiofônica é fundamental nessa difícil tarefa. Neste sentido, os testemunhos de quem viveu os primórdios do rádio brasileiro têm muito valor. Sejam de ouvintes, de radialistas ou de estudiosos, como Luiz Carlos Saroldi Zahar, que viveu todas estas condições e através delas muito nos favoreceu para elucidações históricas e consequentemente políticas. Ele nasceu no ano de 1931, quando a programação radiofônica no país tomava novo rumo. Distanciava-se da fase de experimentações e restrições técnicas vivida na década anterior, com emissoras de rádio se estabelecendo.

Saroldi nasceu quando o rádio seguia para a chamada fase de ouro desse meio e revelava artistas, radialistas e políticos. Foram momentos criativos com atrativos que uniram o país em torno de aparelhos receptores. Música, dramaturgia e política já se cruzavam entre noticiários, na fase que antecedia o Estado Novo (1937 -1946), com a ditadura do presidente Getúlio Vargas. Foi uma época de muitos poderes: poderes do rádio e os poderes políticos de uma nova Constituição para o Brasil, que se tornou conhecida como “Constituição Polaca”. Esta ampliou os poderes do presidente da República e assim uma nova estrutura ditatorial.

Certamente foi mais do que árduo o trabalho de quem se dedicou a reconstituir os fatos ocorridos nas primeiras décadas do rádio brasileiro, para entendimento deles e das consequências nos períodos seguintes. Exigiu de estudiosos mais do que paixão, e mais do que sentimento de justiça em busca de reparos sociais. Afinal ditadura e arquivo sempre caminharam em linhas paralelas, com desvantagens para registros e memórias. Desvantagens estas ora técnicas, ora, e ainda mais, sobre os interesses políticos, que fez com que a minoria privilegiada do país, que pode estudar nos períodos ditatoriais, encontrasse nos livros didáticos superficialidades e ausência de realidades.

Saroldi como muitos da geração dele nos forneceu, além da vivência, a influência e o incentivo para uma inquietação na busca de profundidade do que se apagou antes da abertura política brasileira. Ele deixou para nós registros importantíssimos da história do rádio no Brasil, em publicações, aulas, palestras, enfim, em depoimentos que merecem muitas explorações. Herdamos dele, para o nosso enriquecimento cultural, o que Saroldi

estudou, viveu, ouviu, viu e o que ele não pode ouvir e ver, mas percebeu, inquietou-se, pesquisou e conosco compartilhou.

REFERÊNCIAS:

FAOUR, Rodrigo. **Revista do Rádio; cultura, fuxicos e moral nos anos dourados**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio palanque**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil dez estudos regionais**. São Paulo: Com Arte, 1987.

SAROLDI, Luiz Carlos. MOREIA, Sonia Virginia. **Rádio Nacional – o Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SOUZA, Cláudio Mello e. **Impressões do Brasil a imprensa brasileira através dos tempos rádio, jornal, tv**. Praxis Artes Gráficas Ltda, 1986.